



Gaiato



PORTE PAGO

Quinzenário • 25 de Julho de 1992 • Ano XLIX — N.º 1262 — Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Calvário

Um acto de fé

É um acto de fé o nosso viver de cada dia. E a muitos níveis.

Fé em Deus que nos acarinha silenciosamente, com a força da Sua Providência, com o Seu Amor de Pai solícito, atento aos mais pequenos pormenores. Temos sentido a Sua mão bem presente ao longo dos anos — eu diria que até de maneira evidente, tais as flagrantes em que O apanhamos com mimos que não esperávamos.

Mas também fé nos homens, que o Senhor aqui vai tomando presenças constantes e amigas. Pai Américo, quando sonhou o Calvário, sabia que iam ser necessários milhões, mas entregou a tarefa de os arranjar aos leitores de O GAIATO. E estes não traíram a sua confiança. O Calvário foi erguido sobretudo por aqueles que vivem atentos ao nosso viver e a quem o Senhor vai tocando.

Mas fé ainda e sobretudo nos doentes. Eles têm sido os obreiros desta Obra. Quem encontrasse alguns deles nas ruas que palmilhavam, nos recantos onde viviam, certamente que não daria nada pela sua capacidade. Pois, aqui, esses que pareciam nada valer na sociedade são os braços com que realizamos o dia-a-dia desta Casa.

Obra de doentes para doentes pelos doentes

Quem passa pelas enfermarias, pela cozinha, pelas copas, pela rouparia, pelos jardins

encontra sempre em azáfama algum doente. Há forças ocultas, inexploradas, que se revelam mesmo nos mais incapacitados. Basta o incentivo dum sorriso, dum desejo alheio, dum amor comunicado, para despertar nestes doentes capacidades de empreendimento e realização, nem sempre previsíveis.

O Joaquim era, na sua terra, amparado pelas vicentinas locais. Vivía só, mas à mercê de ajudas. Hoje, não senhor. Ele é o nosso barbeiro. Ele é o ajudante nas enfermarias. Ele é o pau para toda a colher. E nunca se nega nem se cansa.

O João, atrofiado da coluna, nos seus três anos de idade mental é um poço de energia. Começa cedo a operar. E opera o dia todo. É preciso mandá-lo descansar. Sorri sempre e fica feliz com a resposta do nosso sorriso. Com tão pouco ele se contenta!

Um relógio de pulso, de que não tira proveito, e um rádio no bolso, a maior parte das vezes a tocar para o forro do casaco, são o seu enlevo.

A Alice, a tia Rosa e tantas outras realizam com eficiência tudo quanto carece de cuidados, de engenho e aplicação numa Casa como esta.

Tal como Pai Américo continuamos a ter fé nestes doentes. Eles, conjugando a força, inteligência e amor são capazes do impossível.

Quantas vidas não se atrofiaram por falta de fé neles! Quantos homens não definham e se tornam inúteis por excesso de protecção, de facilidades, de bem estar!

Padre Baptista

Gesto amoroso

CHEGOU Nossa Senhora! As irmãs F. M. de Maria que a acolheram em Luanda durante a travessia de 15 anos, fizeram questão de Ela ocupar o pedestal vazio — seu primeiro amor. Elas próprias a embalaram carinhosamente.

Coincidiu sua vinda com a do Primo Velho, sua esposa e filho, e a dos primeiros cinco gaiatos — felizes e reguilas — que a irmã Dominique recolheu.

— Não me tinha dito que eram dois?, perguntei.

— Saíram gémeos... — respondeu com graça.

Viagem de 400 km na nossa carrinha «Nissan»: A minha confusão (vejam só!) ao ver que não cabíamos na cabina. Na pequena carroceria atulhada de coisas, os meninos poderiam cair... Mamã e bebé, idem... Motoristas... Então nossa Mãe, acomodada no embrulho fofo, ofereceu-se para ir em cima do peixe seco, do óleo e sabão, dos

Malanje

tambores de combustível, dumas estantes metálicas, vários tarcos e roupa do casal!

Os meninos não deram por ela. Um dia saborearão este gesto amoroso de Mãe!

Uma voz que procura acordar o respeito pelos Outros

«Fez-me bem ouvir o Papa» — disse ontem um angolano amigo. E continuou: «Sem ideias preconcebidas de interesses ou políticas. Uma voz liberta, também, do medo. Uma voz de paz e de esperança. Uma voz que procurou

acordar em nós o respeito pelos Outros».

Assim foi. Ficou algum bem. Nunca como hoje o povo angolano precisa de viver esta mensagem.

A paz e a esperança somente passarão pelo respeito e amor aos irmãos.

Ainda o Santo Padre: «O homem tem necessidade de um Outro; vive, quer o saiba ou não, na expectativa de um Outro que redima esta sua inata incapacidade de saciar as suas esperanças.»

O Outro!

O Homem!

Mesmo antes de reconstruir pontes e reparar estradas.

Padre Telmo

Cantinho dos Rapazes

FOI em Aveiro, quando da Festa ali realizada há quinze dias, que pela derradeira vez nos vimos.

A viúva do Firmino telefonara-me na véspera a dizer que lá a encontraria e a todos os seus, mais o Magalhães, que estava com eles passando suas férias.

O Magalhães foi do Tojal e durante muito tempo chefe dos «Batatas», missão que muito nos prende a quem alguma vez a desempenhou. Morava então o Firmino na Grande Lisboa e com frequência visitava a Casa do Tojal. Ali se conheceram e entre aquela família e o rapaz gerou-se uma afeição grande, que cresceu depois que o Magalhães saíu para um emprego, e era bem viva agora que ele, feita a tropa, trabalhava na segurança de uma Empresa. Daí a sua presença no seio daquela família com quem se acostumara a gozar as férias.

Eu não o via há cinco ou seis anos. Pouco tempo para mim, muito para ele. Se o visse só, não o reconheceria. Mas, na companhia em que já o esperava, logo me lembrei daquele rosto que, ainda menino, me ficara para trás.

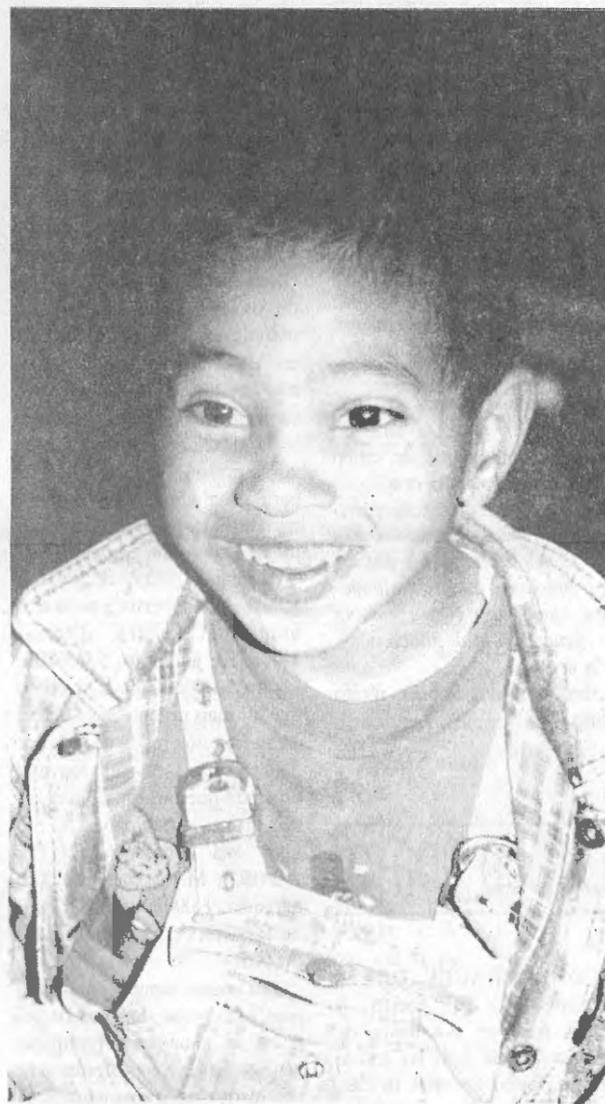
Terminada a Festa, no beberete final, nos despedimos. Quem, olhando aquele moço a transpirar vigor por todos os poros — quem pensaria que nos despedíamos para sempre?! Pois, na manhã seguinte, Magalhães, os filhos do Firmino

e outros jovens foram de passeio até Sever do Vouga. O tempo a apetecer..., o rio ali à beira.. Uma moça mergulhou e não voltou à tona. Magalhães lança-se a socorrê-la. Os companheiros ainda procuraram retê-lo, mas ele teimou. Os rios são traiçoeiros. Poços... redemoinhos... onde não se espera. Os dois jovens desapareceram e só horas mais tarde foram encontrados seus corpos sem vida.

Um acontecimento que me impressionou mais profundamente por aquele breve encontro de horas antes e pela comunhão na intensa dor da viúva do Firmino que queria ao Magalhães como a mais um filho. Mas que sempre impressiona pelo inesperado, pela sucessão tão rápida da morte a uma vida em pujança. E no entanto, uma realidade bem deste mundo, bem possível, que tantas vezes se repete, seja num rio, seja no mar, seja em regresso de farra a altas velocidades, horas mortas, seja por qualquer outro acidente.

É verdade que a morte espregueia a vida como um ladrão que investe quando não se espera. Jesus previne-nos no Evangelho para que estejamos sempre preparados para um tal encontro — e nós somos tão surdos, tão descuidados no acolher da prevenção!

Continua na página 4



O Serginho tão feliz! Veio da Rua...

Conferência de Paço de Sousa

TUGÚRIOS — Visitámos uma velhinha numa casa sem condições de habitabilidade! Estudámos o caso, avaliámos possibilidades e andaremos prà frente — mediante contrato com um biscateiro.

«É coisita só p'ra remediar e a Pobre ficará mais abrigada» — comenta o vicentino. «No baraco nem haveria hipótese de se pôr uma instalação eléctrica...!»

É obra para contos de réis, «mas ela ficará melhor, durante os poucos anos que viver» — conclui o recoveiro dos Pobres.

Interpretado aos olhos da fé, — pela Força sobrenatural que emerge daquela criatura de Deus, batendo certinha, diárricamente, com a Providência divina — o problema não seria topado por acaso... Temos razões para o afirmar! O desabrochar do Património dos Pobres — durante anos latente no coração de Pai Américo — foi motivado por um ancião que vivia num tugúrio, abandonado de toda a gente e que testemunhava a sua fé nas contas do Rosário, amenizando um doloroso calvário!

PARTILHA — Cheque de oito contos, pela mão do assinante 11902, do Fundão, «referente ao mês corrente». É uma presença assídua. Como as restantes que vamos indicar: Assinante 17258, de Baguim — Rio Tinto, 1.500\$00 para a renda de casa dum Pobre. «Avó de Sintra», 9.000\$00 e pede «desculpa pelo atraso ocasionado por falta de cheques». Assinante 31104, de Lisboa, presente com «a mesma intenção de sempre», traz o costumado óbulo e desabafa a sua cruz: «Sinto-me só, apenas mais acompanhada lembrando-me dos que perdi e dos Pobres que necessitam. Que Deus me compreenda». Deus é grande! Ele é o nosso conforto — a nossa Esperança!

Mais um cheque, de 5.000\$, de bom Amigo de Vila Nova de Famalicão: «Modesta contribuição, uma gota de água no imenso mar das necessidades dos Pobres».

Mais uma presença do assinante 9790, de Oliveira do Douro, com cheque de cinco mil, perorando «uma oração ao Senhor por uma intenção particular, por todos os nossos irmãos que já nos ofenderam e por todos aqueles a quem já ofendemos. Que Deus e Nossa Senhora se compadeçam de todos nós». Um cristão!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Damos mais um testemunho da nossa caminhada. Após um ano de trabalho, tivemos um retiro na Casa de S. Paulo, em Cortegaça. Como orientador, o Padre Rui Osório

tentou esclarecer a oração do Pai Nosso. Foi muito proveitoso esse momento de paragem e reflexão, porque nestes retiros vamos buscar energia para mais um ano de serviço. Agradecemos ao Padre Rui Osório e aos casais de Nossa Senhora que nos acolheram com muito carinho e amizade. Um abraço muito amigo

Agora, vamos falar um pouco das visitas aos irmãos mais carenciados. A vida de D. Rosa deu uma grande volta! Deixou de mendigar, já tem ocupação, parece outra pessoa! Os anos passaram, os filhos cresceram e não quiseram continuar a estudar — mas foram trabalhar. É com alegria que verificamos a satisfação desta família e, em especial, a tia que também contribui, e continua a dar a mão para que todos eles sejam respeitados. Já somos como se da família se tratasse; existe uma abertura muito grande quer em amizade quer em diálogo; confiam em nós. Que Deus os abençoe a todos — que bem merecem.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Amigo de Lanhães, 6.400\$00 e as suas rápidas melhoras. Assinante 14590: «Junto mil... É uma presença que não ajuda muito, mas é com amor que o faço em vista aos irmãos mais desfavorecidos e que ponho nas vossas mãos para que, ao visitá-los, tenham, ao menos, um pacote de leite ou de bolachas para os consolar. Oxalá que Ele se lembre de todos os seus filhos. Os infieis, os incrédulos, os extraviados, mas em especial os enfermos e os moribundos que já nada esperam da matéria e que são estes que mais desejam e precisam da vossa presença e da vossa mão para os ajudar a passar deste mundo para o Além. Deus vos ajude e dê muita força».

Assinante 3359, 1.500\$00; J.R.D., um cobertor e uma máquina de costura; Teresa, 1.000\$00; anónimo, 5.000\$00. «Junto 5.000\$00 para ajudar o que for mais urgente aos Pobres. Também estou retida no leito por doença, mas Deus seja louvado por tudo que nos dá. Não desanimem nas dificuldades. O Senhor está convosco!» J.R.D., 2.000\$00; Margarida, 3.000\$00; anónima, 1.000\$00; José d'Eça, 10.000\$00; assinante 15.575, 3.000\$00.

Aos nossos amigos agradecemos, em nome dos nossos irmãos, as palavras de conforto que nos dirigem e as ofertas para minimizarmos as suas carências.

Casal vicentino

Cooperativa de Habitação

Não é a primeira vez que recebemos correspondência que, pelo seu conteúdo, nos leva a ter uns momentos de reflexão.

Para que o leitor possa ter esse privilégio, transcrevemos, quase na totalidade, uma carta que chegou até nós.

Lê. Saboreia. E respira bem fundo para que o teu coração fique inundado com esta maravilhosa mensagem:

«Queridos e corajosos amigos da Cooperativa para os rapazes gaiatos que vão constituindo família.

Nasci, pode dizer-se, em berço de ouro. Mas após a morte súbita do meu querido pai, que mal conheci, a situação da minha família (mãe com 32 anos e 4 filhos de 10 aos 2 anos) sofreu uma volta de 180° e, depois disso, a vida de todos nós tornou-se bem dolorosa. Deus seja louvado!

Isto só para dizer que nunca consegui ter casa minha (só queria ter um cantinho meu onde pudesse cultivar flores.) Sou assinante do 'Famoso', há muitos anos, e é o único jornal que leio de fio a pavio. Já esta semana enviei um pacote de selos. Resta só a boa vontade já que, materialmente, como quero partilhar com todos do pouco que tenho, só posso enviar uma migalha que, de certo, não paga meia dúzia de telhas.

É dada com muito amor e que o ânimo não vos esmoreça...

Se os governantes seguissem a vossa orientação nesse sector, não haveria cada vez mais seres humanos a dormir nas ruas e jardins de Lisboa.

Coragem e não desistam. Procurarei, de vez em quando enviar um ou dois tijolos...»

Esta nossa amiga Zulmira, de Lisboa, enviou selos usados e 5.000\$00.

Mais selos, de Rosa, de Alco-baça: «Conheci pessoalmente e ouvi a eloquência da palavra do Santo Padre Américo e jamais o esqueço a rasgar um officio que, dum entidade governamental qualquer, ele havia recebido — provávelmente para pagar algum imposto, creio eu — e ele, rasgou, e ao deitar no cesto de papéis disse: 'A bem da Nação'.

Já nessa altura Pai Américo foi um grande lutador contra a burocracia.»

OFERTAS — Através da Casa do Gaiato do Tojal, recebemos de António Ferreira, Lisboa, 46.000\$00.

Os nossos agradecimentos.

Carlos Gonçalves

PAÇO DE SOUSA

VISITANTES — Recebemos uma excursão (no 21 de Junho), muito amiga, muito familiar, que visita todos os anos a nossa Casa. São sempre bem vindos. Nunca se esquecem de nós!

Passámos o dia com eles. Tíham um grupo musical e deixaram uma cassette.

Ofereceram uma merenda, bem boa, ao lado do nosso bar. É a excursão da Janota — Porto.

FÉRIAS — Regressou o primeiro turno da Azurara (Vila do Conde). Vieram todos contentes e morenos. Agora só para o ano se Deus quiser.

No entanto partiu o segundo turno. Esperamos que gozem bem as férias. Boa sorte!

SAPATARIA — Os nossos sapateiros, confeccionaram sandálias para os mais pequenos. Já andam com elas para as ajustarem aos pés. Os mais velhos esperam também por chinelos ou sandálias...

FUTEBOL — No dia 27 de Junho fizemos um desafio com uma equipa dos arredores do Porto. Na primeira parte parecia que tudo nos corria bem, mas depois o jogo alterou e fomos derrotados por 4-2.

«Vitinho»

TRIBUNAL — Em nossa Casa é costume realizar um «tribunal» quando alguém faz asneiras.

Desta vez foi um roubo. O nosso Padre Carlos deu falta de alguma coisa, no escritório. Conversou com o «Patinhas». Mais, depois, com ajuda do chefe-maioral, do Silva e do Lando, descobriram o grupo.

Por fim, o Pedroca confessou ter ido ao escritório e deu a «comer» ao «Patinhas» e ao Dirceu. O nosso Padre Carlos não esperava que fossem fazer uma coisa destas!

Por fim, e perante a comunidade, estabelecemos os castigos: ocupar os três nas horas de recreio, na cozinha, na copa e no refeitório, também levaram uma rapadela no cabelo.

Todos sabemos que não devemos meter as mãos onde não devemos meter.

É muito bonito respeitar as coisas alheias — que estão nos seus lugares. Repórter x

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — No aspecto agrícola a nossa casa está bastante bem. Concluímos definitivamente este ano a colheita dos nossos batatais. Faltam colher dois campos, mas com um pouco de vontade conseguimos concluir o trabalho no tempo previsto.

A colheita, um espanto! Tubérculos enormes, muito bons, a colheita ultrapassou algumas previsões mais optimistas. Nos 3 dias de colheita colhemos qualquer coisa como cerca de 20.000 Kg de batatas.

A nossa horta está bonita, o feijão verde, o cebolo e os pimentos estão com bom aspecto;

Retalhos de vida

«Estel»



Sou orfão de pai desde os 3 anos de idade, natural de Kalandula, Província de Malanje.

Minha mãezinha, camponesa, criou-me até aos 7 anos de idade e depois enviou-me para a Casa que o querido Pai Américo —

homem enviado por Deus para dedicar-se aos garotos da rua, sem teto nem pão e esfarrapados — fundou. Que Deus o tenha em bom e eterno descanso.

Cheguei à Casa do Gaiato em 1968, onde com muito carinho e amor fui recebido pelo querido Pai, Padre Telmo. Logo os irmãos que também me receberam com ar alegre e risonho, me baptizaram com a alcunha de «Estringuilinhas» pois na realidade era mesmo um lingrinhas que mal podia com a pequena padiola, na qual recolhia o lixo.

Os anos foram passando, passando... e o «Estringuilinhas» foi modificando e passou a «Estel», alcunha que até hoje vigora.

Em 1979 era já um homenzinho, mas quase sem bases para

os tomateiros é que estão a degenerar.

Aliada à agricultura está a pecuária, e nesse aspecto a nossa Casa não tem queixas a apresentar; pelo contrário, nasceram em nossa Casa dois vitelos; e na poílga lá está mais uma ninhada de leitões. Os que tratam o gado têm tido nestes dias bastante trabalho.

ESTUDOS — Sabemos agora os resultados finais de todos os alunos do Lar de Coimbra. Os resultados são bastante positivos e animadores: em 19 alunos, 17 tiveram aproveitamento positivo e transitaram de ano. Os estudantes de Coimbra frequentam a Cooperativa de Ensino de Coimbra.

Não posso deixar de felicitar todos os professores da C.E.C., por nos ajudarem a crescer, ensinando-nos.

Deixo aqui um agradecimento muito grande em nome de todos os que já frequentaram e continuam a frequentar a C.E.C.

Como é tempo de férias desejamos umas boas férias, assim como aos nossos colegas e amigos.

DESPEDIDAS — De nossa Casa despediu-se o «Tonito». Veio para nossa Casa muito pequenino, com três anos, aqui cresceu, foi chefe, casou e aqui continuou a trabalhar.

Há dias deixou-nos, pois a sua vida tomou novo rumo: emigrou para a Suíça. Desejamo-lhe boa sorte e fazemos votos para que triunfe no meio para onde foi. Boa sorte.

António Maria

aguentar tudo quanto a partir de então surgiu, com a tomada da nossa bela Casa pelo Governo.

Que tristeza e amargura abalaram o meu coração ao ver a nossa Casa em ruínas e encontrar destruídas até as inocentes árvores que com tanto sacrifício plantámos, para que um dia pudessemos saborear uma manga, um abacate, ou uma laranja.

«Mas Deus que sempre tem piedade de quem precisa de uma mãozinha carinhosa e acolhedora, enviou-nos novamente o Pai, Padre Telmo. Que alegria e felicidade em ver agora a nossa Casa de novo a crescer, embora com muito sacrifício, mas a crescer e com as árvores já a florir! Até as abelhas, que também tinham há muito desaparecido, começaram a chegar dando parabéns.

Actualmente estudo a 12.ª Classe do IMNE, sou professor e irei para a nossa Casa trabalhar. Dou graças e louvores a Deus.

Para terminar agradeço ao Júlio e ao Quim que, deixando os seus familiares, vieram ajudar-nos com todo carinho e dedicação. A eles envio uma vez mais os meus agradecimentos, assim como a D. Guiomar e a quantos deram uma migalhinha para o renascimento da nossa Casa de Malanje, pois já temos luz e água boa para beber.

Que Deus vos dê boa saúde e mais tempo de vida.

Um abraço a todos os irmãos gaiatos.

Casa do Gaiato de Malanje 22 de Junho de 1992.

António Joaquim («Estel»)

Associação dos Antigos Gaiatos do Centro

ESPERANÇA RENOVADA
— Decorreu em 21 de Junho, na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, o Encontro/Convívio-92 desta Associação.

Apesar dos esforços para que estes dias de convívio sejam dias inolvidáveis, programados para possibilitar a maior participação de todos: associados, esposas e filhos; apesar dos apelos para motivarmos os menos entusiastas, a comparência foi menor que a esperada. Ficámos tristes, por tão grande absentismo.

Um dia muito bem passado, em que a amizade e a solidariedade dos presentes se fortaleceram e a alegria reinou. Mortas algumas saudades, todos regressaram a suas casas, alegres e felizes.

Momento mais alto: a Eucaristia. Constitui o grande e verdadeiro Encontro pessoal com Deus e os irmãos. No momento da Oração Universal, entre outras intenções lembrámos aqueles que Deus já chamou para que os tenha no Seu Repouso.

O acto eleitoral decorreu como se esperava: foi eleito o elenco que constava da única lista apresentada:

Mesa da Assembleia Geral: Presidente — José Martins de Carvalho; Vice-Presidente — Francisco José Henriques; Secretário — Maria Vitória Batista. **Conselho Executivo:** Presidente — Fernando Campo Largo Pereira; Vice-Presidente — Manuel Machado; 1º Secretário — Carlos Manuel Trindade; 2º Secretário — Mário Varela; Tesoureiro — Odorinda Henriques. **Conselho Fiscal:** Presidente — Maria Helena Trindade; 1º Vogal — João Hingá; 2º Vogal — Manuel Veiga.

Programa que apresentou:
— Outorgar a escritura pública da Associação, registar a mesma e publicar os estatutos no órgão oficial;

— Implementar, tanto quanto possível, os objectivos da Associação (criação dum tempo e espaço de convívio para os associados);

— Procurar uma maior cooperação entre a Obra da Rua e a Associação;

— Actualizar as quotas (que já vêm de 1985).

De notar também que, pela primeira vez, contamos com a colaboração efectiva e directa das nossas esposas, parte integrante da nossa grande Família, na gestão da Associação. Registamo-lo com satisfação e não menor esperança nessa colaboração.

A finalizar, uma palavra de agradecimento para o grupo de cantares populares «Luar de Janeiro», de Ceira, que animou o fim da tarde. Bem hajam e venham mais vezes!

Carlos Manuel Trindade

Recordações de Pai Américo

Continuação do número anterior

Perdi o rasto das minhas recordações...

Após a visita a Paço de Sousa, regresssei a Coimbra e, de imediato, segui para Lisboa, para reocupar o meu emprego na Aliança (massas e bolachas), mas agora na sede da empresa.

Na época, na linha do ensino técnico, Coimbra só tinha o curso comercial. Lisboa dava a possibilidade de continuar e, por isso, instalei-me, fiz a minha vida profissional e cursei Económicas. Padre Américo sabia e ajudava-me. Arranjou-me uma pequena bolsa no Ministério da Justiça e encontrávamo-nos no Hotel Frankfurt, do Rossio, onde se

hospedava quando, em regra, vinha falar com o ministro Duarte Pacheco.

Chega o ano de 1956 e Julho é o mês em que ocupo as minhas férias de emprego com os exames finais do 5º ano (fim do curso). Tinha planeado fazer-lhe uma visita e dizer que terminara o curso, quando, a 16 de Julho, tomo conhecimento da notícia da morte do meu Pai — o Padre Américo de Aguiar. Não posso deslocar-me ao Norte. É uma dupla tristeza.

Fiz este pequeno relato para agora poder explicar que com a incorporação, mobilização e transferência para Lisboa, perdi o rasto das minhas recordações que supuz ter deixado com uma irmã, mas que na altura própria de localizá-las não apanharam.

O lançamento d'O GAIATO

Chegado ao fim sou tentado a contar um dos muitos episódios que nunca esquecem:

Talvez em 1939, Padre Américo, num daqueles domingos, diz que nos quer pedir uma coisa. Andava a pensar em criar um jornal. Revelou as características e que sugeríssemos um título. Durante semanas foi uma paródia entre nós, cada qual a tentar a melhor ideia. Das várias, uma sai da cabeça de um rapaz alegre, simpático, querido de todos, de si agaiatado, a palavra GAIATO. Foi o Henrique Pereira da Silva que, algum tempo depois, vem para a companhia da mãe, e, em Lisboa, não muito depois, morre, supuz, de doença súbita.

Alberto Augusto Monteiro Nunes

Benguela — Angola

Estamos a preparar o caminho para a entrada definitiva na Casa do Gaiato de Benguela. Por enquanto estamos instalados numa casinha anexa ao mosteiro das Irmãs Dominicanas Contemplativas, mesmo em frente do portão da Casa do Gaiato.

Não houve descanso desde que chegámos, que reconstruir uma obra é, por vezes, mais complicado do que fazê-la de novo. Ainda não conseguí apanhar um saco de

cimento, nem sei tão pouco onde ir buscá-lo. Por isso vai demorar meses a ocupação total com 140 rapazes. Esperamos, entretanto, fazer a entrada solene com os primeiros 20 garotos por todo o mês de Julho.

Assim, instalados de novo no que é seu, por força deles e apoiados neles, havemos de ajudar os filhos da rua em Angola, a serem homens: pela escola, pelo trabalho e pela boa educação. Havemos

de ser a voz humilde e segura da Caridade e da Justiça, por dentro do caos social em que mergulhamos. Havemos de procurar lugar primeiro a estes valores para a reconstrução do país, com a sensação de que está tudo por fazer. Que hora extraordinária para as forças do Bem! É como no princípio!

Temos aproveitado também este tempo — a Teresa, o Benjamim, a Aurora e eu — para o contacto directo com as pessoas, com a miséria e a beleza que andam de mãos dadas por todos os lados. Deste modo, ao fim da tarde de sábado demos uma volta por todo o bairro que serve de pano de fundo à nossa Casa do Gaiato. Era bem mais pequeno quando, há sete anos, o deixei. A guerra bárbara no interior do país escuraçou para o litoral a gente pacífica que se entretinha com suas lavras a que pedia o pão e, agora, esfomeada e semi-nua, corre dum lado para outro. Por isso o bairro cresceu quase até às portas da nossa Aldeia.

Crianças sem número saem de todos os cantos. Meninas e meninos juntam-se à espera de quem lhes a dê a mão e os ajudem a ser pessoas. Mais do que fome de pão têm fome de educação.

Estamos na presença dum sinal dos tempos para Angola, pois trata-se dum fenómeno que atinge a maioria desta franja social. Deus fala neste acontecimento e interroga a consciência das pessoas acerca do que fazem na vida: se é prioritário ou não. A Igreja há-de ir à frente. Os

DOCTRINA



Muito mais do que o corpo, vale a alma.
DO EVANGELHO

• Ai de mim se cuidasse unicamente da saúde dos garotos e descurasse a sua educação religiosa! Ai de mim se intencionalmente não fizesse de uma coisa e outra degrau seguro para subir alto até lhes tocar na alma! Ai de mim, que o pecado de omissão é matéria do tribunal de contas!

O Justiniano anda na casa dos quinze e preparou-se para a sua primeira Comunhão com muita piedade, com muito interesse, com muito saber. É o mais velho que temos na Casa. Já estava empregado; mas, como enfraquecesse dos pulmões, mandaram-no embora e eu fui dar com ele no tugúrio doutro da tuberculose. Não sabe quem é o pai; não tem mãe que o mereça; é da legião dos enjeitados. Oh, mas este pequeno é extremamente bom! Tem muita curiosidade. Quer saber dos comos e dos porquês da nossa doutrina. Na curiosidade começa a obra da Graça. À hora da sesta, se eu estou em Casa e passo à beira do leito, o simpático rapaz faz-me sinal, baixinho, e expõe suas dúvidas, narra coisas passadas, conhece agora pecados, quer emendar-se deles. Quanto mais perto de Deus, mais pecadores nos julgamos e sentimos! A consciência deste rapaz será doravante a palavra forte, o aviso interior, o amigo austero, o caminho apertado, o vigia seguro de toda a vida; e se me encontrar com ele na Eternidade, tenho realizado no mundo algo de grande.

• A missão do Padre é um mistério de luz. Só ele, por virtude dela, arranca às almas o «eu quero emendar-me». «Vós sois a luz do mundo», disse o Mestre. Quantas vezes este pobre que era dantes da Sopa e agora é das ruas, tem ouvido nelas, a gaiatos farrapões e turbulentos, acusações sinceras, espontâneas, com aquele lindo «eu quero emendar-me!» Quantas vezes, moicanos e matulões calam o palavra e deitam fora o cigarro quando me vêm ao longe! Quantas vezes, ainda, samaritanas maduras com amantes imberbes disfarçam a companhia e afastam-se um do outro, só porque eu apareço à esquina! Quantos miseráveis esfarrapados, a quem por vezes tenho dado a palavra salvadora, passam por mim de olhos no chão, humilhados por não a terem aceitado; que a sua anemia moral não suporta alimento forte. Quantos!

• Ai, que se tu lidasses de perto com a miséria negra das ruas e com a doirada dos palácios — melhor e mais perfeita do que aquela — havias de compreender o Cristo de Gethzemani e amá-LO mais! «Vós sois a luz do mundo!» Senhor, que eu jamais pretenda trocar aquela pela minha — para ser sempre luz!

D. Amín. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2º vol.)



José Teixeira e Maria de Fátima.
Ele foi o «Rolita», último de uma dinastia de cinco irmãos que por cá passaram.

educadores cristãos, sem outros compromissos graves, onde quer que se encontrem, oiçam o apelo urgente desta multidão de vítimas inocentes. Quem as prepara para a vida?

À medida que nos vamos metendo nas entranhas deste povo, mais nos apetece pedir meios humanos sem quaisquer interesses materiais para além do necessário a uma vida pobre e digna. Meu pensamento voa para pessoas, obras e movimentos que

estão em Portugal. Quem dera se decidissem quanto antes, que a hora privilegiada da sementeira chegou. É agora! Antes que o *Inimicus hominis* faça das suas. É uma ideia que não me larga, depois de conhecer a generosidade de tanta gente jovem e o amontoado de Instituições que povoam o nosso Portugal.

A propósito lembro-me de duas jovens, em idade madura, a quem o ideal de saltar fronteiras seduziu. Vieram

Continua na página 4



A hora do banho, na piscina em Paço de Sousa, é um dos momentos mais apetecidos da Comunidade!

Benguela — Angola

Continuação da página 3

falar-me. Queriam ir mais longe... Mas tiveram medo da proposta que lhes fiz, pois foram-se e não mais apareceram. Será que a cena do jovem rico do Evangelho se repete? Nem por isso o Senhor desanimou, mas continuou a propôr. E continua a chamar. Diz que é preciso lançar as redes ao largo. Confiança e salto da Fé!

Ando aflito desde que cheguei, com o destino a dar àquela que foi a nossa primeira habitação, quando da primeira vinda, em Novembro de 1963. Parece-me, contudo, que sei o que fazer dela. Se o problema do garoto da rua é gravíssimo, porque é uma multidão ao deus dará, não é menos grave o problema da menina da rua, outra multidão ao deus dará.

Os pequenos que vão ser recebidos na Casa do Gaiato têm irmãs que ficam por lá, mais outras e outras, sem conta. Creio que ficaria muito bem ocupado se elas fossem para lá: Quem torna conta? Quem dá o coração de mãe àquelas filhas da rua? Vou continuar a rezar, a pensar e a esperar até que chegue a hora.

Casa do Gaiato, C. P. 820 — Benguela.

Padre Manuel António

Tribuna de Coimbra

Terminou o ano lectivo. Nem todos aproveitaram. Nas Escolas Primárias a maior parte ficou na mesma classe. Dificuldades de muitas espécies. Os professores, por vezes, nem sabem que voltas lhes hão-de dar. E todos se ficam.

Os que estudam na Cooperativa de Ensino de Coimbra tiveram aproveitamento, embora com pouco esforço de alguns. Ali vale-nos a dedicação dos professores. Temos ali professores apaixonados pelos gaiatos. O nosso bem-haja a todos.

Vamos louvar o Senhor com todos aqueles que se apresentam nos caminhos da nossa vida e ajudam a caminhar. Casal de Coimbra com quinze contos; Senhora amiga da mesma Cidade com igual oferta; o Grupo Socio-Caritativo de Penacova apareceu com dez mil; dois de Coimbra; 10.850\$00 do Povo de Orelhudo; de Mira aparece muitas vezes vale de 1500\$00; dezassete mil do Seminário de Alcains; seis mil e quinhentos de duas Amigas de Castelo Branco e uma muito velha Amiga da mesma terra com vinte; vinte e cinco que Amigo veio trazer; cinco, mais trinta e muitas carradas na aldeia onde nasci e onde temos muitos amigos.

Mil de professores; mil e quinhentos de Figueiró dos Vinhos; cinco de Pombal; dois de Oliveira do Hospital; mil, todos os meses, de Montemor-o-Velho; os cheques de Mães; os cheques de Pereira; três de Castanheira de Pera; oito nos noventa anos; cinquenta de casal de Condeixa; a Amiga de Alcochete aparece todos os meses; cinco do Luso; mil de Damaia; dois e meio de Soure; mais vinte e seis, de Unhais-o-Velho; dez e outras ofertas da Covilhã;

cem levados ao nosso Lar; outras presenças ali; sete e meio de Figueiró dos Vinhos; dois de Boque; seis de Oeiras; vinte de irmã de sacerdote muito amigo, que o Senhor chamou; seis de Oeiras; mil da Figueira e mais da mesma cidade.

Vinte de Empregada de sacerdote; 5.000\$00 da Liga dos Homens de Cantanhede; dez de Vila Seca; vinte do amigo Horácio; vinte dos sempre amigos Juiz e Esposa; cinco de muita Amiga de S. Jorge; dez de Albufeira; mil e quinhentos mensais da Mealhada; dois de Leiria e mais ofertas da mesma terra; mil de Miranda; mais cinco, mais dez, mais vinte e mais da mesma terra; cem de Viúva de bom Amigo; Sertã aparece muitas vezes. Têm consciência e querem ajudar a criar um número elevado que temos de lá. Cinco da querida Amiga de Medelim; dois de senhora do Padrão; oitenta que senhora de S. José veio trazer; mil de Cerdeira de Coja; 150 francos suíços do amigo Manuel; dez mil e a visita da Escola de Riachos; quatro de Cabaços; cinquenta de Amiga de Mem Martins; cinco de casal de Mação; cinco de Faro; trezentos de mirandense a viver em Coimbra; duzentos na Igreja de Santa Cruz; 70.055\$00 de visitantes de Aveiro; cinco de Amigos dos Moinhos; oito de Amiga de Fiães; Amigos de Lobares; três de alunos de Escola da Figueira da Foz; cinco de Tortosendo; dois do Porto; 5.725\$00 de alunos da Escola de O. do Hospital; 25 e bolos da Onix Cristal; mil de Orjaiz; duzentos e cinquenta de Senhora que Deus chamou. Que a tenha em Paz. Dez de Carvalhas Redondo; cinco da Pampilhosa; três de Avô; dez de peregrinos de Fátima; dez de Carnaxide;

dez de casal de Cebolais; 1.800\$00 de Outil; cinquenta de Póvoa de Varzim; dois e meio de Rio Tinto; cinco de Marinha Grande; mil de Amigos de Carvalhosas; cento e cinquenta de S. Martinho do Campo; três de Lagos; cinquenta de Amigo de Cardigos; mais de Lousã; 26.000\$00 e muitos mimos na festa da Escola de Avelar; quinze de Monte Frio; 35.000\$00 de professores e alunos de Vila Cova; 16.200\$00 e a visita de alunos de Mortágua; 16.500\$00 de Escola da Guarda; 56.912\$00 do Grupo do Areeiro e Sé Velha.

Dez de Rio de Mouro; cinco e mais dez de Febres; 16.290\$00 de Amigos vizinhos; seis de Anobra; dois e meio de Arganil; 32.900\$00 na reunião dos nossos; dois de Vilmoinhos; 7.312\$50 de Grupo de Ponte Sor; mil de Aguiar; vinte de sacerdote da Serra que nos aparece muitas vezes; tudo, e foi muito, quanto trouxe da Casa do Castelo e da lojinha do Barbosa; muitos que foram levar ao nosso Lar de Coimbra; vieram também visitantes; o vale que há muito vem de Vilar Formoso. Muitos desconhecidos.

Que o Senhor Deus tenha tudo em Sua presença. Esta é a nossa esperança.

Padre Horácio

Cantinho dos Rapazes

Continuação da página 1

No caso presente, uma razão de paz nos conforta: O Magalhães mal conhecia a jovem que quis salvar. Foi o valor de uma vida que o levou a arriscar a sua. Pagou com a sua o preço da vida. É impossível que isto não seja tido em conta pelo Senhor da Vida!

Padre Carlos

Voltámos ao Aveirense fazer a nossa festa para as gentes das proximidades do Vouga, como déramos notícia no penúltimo Gaiato.

O acolhimento com algumas supresas agradáveis e muito construtivas foi o melhor que podíamos imaginar.

Começámos por ser recebidos no Hotel Imperial e por três vezes uma dúzia de gaiatos se sentou na esplendida sala de jantar a comer uma refeição, naturalmente acompanhados pela Proprietária radiante de alegria. Eles nunca mais se esquecem e jamais se calam: — *Ó pá nós comemos no hotel.* São ocasiões que os promovem interiormente e os dignificam. *Nós comemos no hotel.*

A comunicação social mobilizou-se quase em despique de carinho. Não houve rádio local — e foram mais de dez as estações que transmitiram entrevistas e deram notícia aos seus ouvintes do grande acontecimento. Algumas, à sua conta, ligaram o telefone para Setúbal; gravando e transmitindo directamente para o ar as perguntas que iam fazendo e as nossas respostas sobre a Casa do Gaiato, a Obra do Padre Américo e o espectáculo.

Quando, pela segunda vez, me dirigia a Aveiro para os necessários preparativos, dei com a notícia, em lugar de destaque, na primeira página do Diário de Aveiro e um largo e real comentário sobre a Obra e a Festa, nas páginas interiores. Senti logo as águas onde navegava.

A delegação do Comércio do Porto naquela cidade foi ao nosso gabinete de imprensa e as páginas do mesmo jornal não regatearam espaços antes e depois da Festa.

Setúbal

O Teatro Aveirense encheu-se de gente, de calor humano e sobrenatural.

O Bispo, apesar dos azares apostólicos daquela noite, escapou-se, logo que pôde, para estar connosco e vibrou continuamente com os gaiatos, de olhar e coração pregados no palco. Apreciamos muito esta presença de Igreja.

Trouxemos mimos de toda a gente e o autocarro da R. N. encheu as próprias gavetas de carga, de bolos, chouriço, queijo, sal, brinquedos e roupas. A Junta de Freguesia e o Governo Civil marcaram presença com donativos, aliviando as despesas que o nosso espectáculo, também de arte e cultura, acarretou.

As cartas que nos chegaram das margens do Vouga e o relato dos jornais convidaram a voltar, se Paço de Sousa, não se organizar, no ano que vem.

• Ontem foi o casamento do Martinho.

Uma hora alta da vida de uma Casa do Gaiato.

Quando um rapaz nos adota como família, retribuindo o que lhe fazemos e sai da nossa para a sua família, cumpre o objectivo fundamental de uma Casa do Gaiato. A normalidade devia ser sempre essa. Os rapazes não nos deveriam deixar de outra forma.

O casamento do Martinho — o primeiro de quatro que teremos este ano — é uma meta gloriosa para ele e para nós. Ele sai da nossa para a sua casa. Também nós estivemos na base da aquisição do seu andar. Mas, ele leva consigo, como esposa a Deolinda Maria que também a Obra da Rua ajudou a salvar da rua.

Um casamento que foi uma festa pascal. Dois ressuscitados a viverem com o Ressuscitado. Temos fundadas esperanças de uma família feliz.

Padre Acílio

Uma carta

«Envio este cheque que se destina à minha assinatura d'O GAIATO. O que sobrar que seja usado para qualquer das tantas e tão vastas necessidades que, em cada jornal vêm relatadas. E chamo-lhe jornalzinho só pelo carinho, porque ele é grande, grande...!»

Para cada necessidade bem queria ter dinheiro e poder para acudir. Mas, o que eu mais

queria, era dar a minha ajuda em pessoa; ser uma dessas 'Mães' de que tanto precisais e pedis — já que Deus não me deu crianças a mim — senão aquelas com quem trabalho e de quem tanto gosto. Ou também, aqueles 'felizes em Deus' do Calvário.

Por isso só posso dar algum dinheiro e as minhas orações pela vossa Obra.

Mas tenho em casa um 'filho', graças a Deus saudável, mas velho, que é o meu pai e que precisa de mim.

Assinante 21788»



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239